



## MEMÓRIAS EMOLDURADAS

### CASA DE OFÍCIO E DOCUMENTAÇÃO DE SILVÂNIA-GO

Em uma terra que da terra surgiu, pouco ou nunca se especula acerca de sua memória ou de seu esquecimento. Bonfim com sua longa, curiosa, inspiradora e decadente história se demonstra pouco presente na atual Silvânia, uma vez que foi afogada e, aos poucos, fadada à memória do esquecimento.

Por conta dos processos de modernização a qual a cidade se vinculou e tanto buscou, o pequeno arraial foi cada vez mais substituído por novas construções e visões. Destruíram-se casarões para abrir ruas, igreja para construir praça e jardins para construir “espaços modernos”. Tudo modifica e pouco se mantém. Seria a memória a principal vítima dos desejos de modernização? Talvez não seja só ela, mas toda uma Bonfim que hoje somente um pouco nos resta.

Atualmente a cidade apresenta vestígios coloniais que se desdobram por ruas, construções, mitos, procissões e culturas. Ao mesmo tempo que se vai, mesmo que sutilmente, a memória é retomada por meio de importantes agentes, sendo a cultura da cidade evidenciada pelos artistas e artesãos que tanto sonham e prezam por um Bom Fim que (infelizmente) quase nunca chega.

Localização: **Silvânia-GO**  
Área do terreno: **3.285m<sup>2</sup>**  
Área do projeto: **1.915m<sup>2</sup>**





ESCULTORES OLEIROS PINTORES RENDEIRAS BORDADEIRAS PEDREIROS ARQUITETOS ENGENHEIROS HISTORIADORES PROFESSORES ALUNOS POPULAÇÃO

## O LUGAR

Apresentado como o conjunto de três casarões do antigo arraial de Bonfim cuja localização era um ao lado do outro, estas construções por muito tempo foram deixadas de lado e de pouco em pouco foram fadadas ao esquecimento. Localizados próximo à Praça do Rosário, os três casarões vivenciaram todo o crescimento e modificação da paisagem e da cidade no decorrer dos séculos (f. 1). Em seu entorno grande parte das construções foram demolidas e a praça (localizada à sua frente) também foi palco de intensas intervenções que objetivaram a sua modernização. Entretanto, a falta de manutenção e o esquecimento somado à grande especulação imobiliária do centro da cidade propiciou a demolição de duas das três casas, sendo a primeira o Espólio de Ulisses (demolida em 2012) e a segunda o Espólio de Ronildo Brás (demolida em 2021).

Datado do final do século XVIII /início do século XIX, o último casarão do conjunto foi denominado por “Espólio de Milton Tavares Júnior”. Sua construção ocorreu por meio de enormes tijolos de barro, técnica conhecida por “adobe”, associados à técnica de taipa de pilão empregada em certos locais da residência. Ao observar o intenso valor que o conjunto da Praça do Rosário possuía (e ainda possui) perante a história e a memória, o terreno que englobava as duas construções demolidas e o casarão supérstite demonstra um espaço favorável a questionamentos, intervenções e preservações.

## OS USUÁRIOS

Ao observar a falta de afetividade da população com a história da cidade e a falta de mão de obra específica para a conservação dos bens e, por conseguinte, objetivando a evidência, preservação e difusão da arte associada à prática de manutenção patrimonial, torna-se indiscutível a participação dos artistas, artesãos, arquitetos, engenheiros, historiadores, construtores, pedreiros, estudantes e de toda a população para que seja possível a troca de saberes, propiciando assim, o princípio do aprender fazendo. Destarte, produzir-se-á conhecimentos artísticos que poderão ser gradativamente voltados aos saberes dos mecanismos construtivos coloniais, possibilitando a aplicabilidade nos edifícios históricos e que posteriormente proporcionará um ciclo rotacional cujo participante aprende, aplica e possibilita a preservação dos edifícios e da história local. O projeto busca memórias individuais que, quando compartilhadas, trabalharão na manutenção das memórias coletivas.

Propõe-se, portanto, um local de expressão cultural na qual será possível a transmissão de técnicas e conhecimentos por meio de oficinas, garantindo a formação de profissionais/artesãos.



Espólio de Milton Tavares Júnior •  
Existente

Espólio de Ronildo Brás •  
Demolido

Espólio de Ulisses •  
Demolido

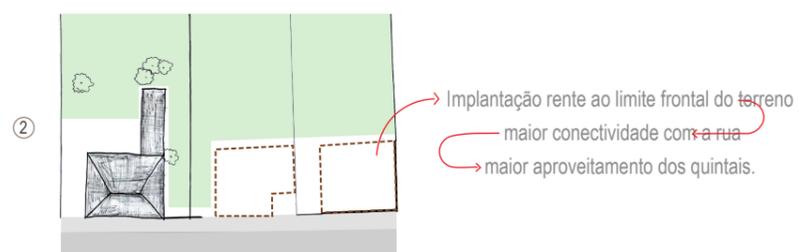


① Croqui, paisagem antes das demolições.

## PROPOSTA CONCEITUAL

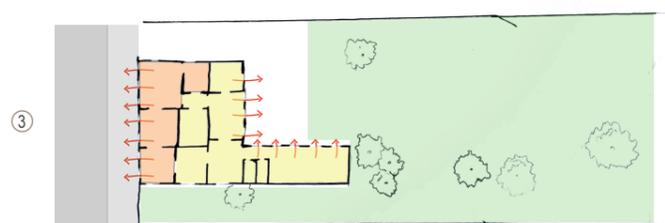
A análise das composições e relações do casarão estabelecidas com seu entorno se torna o ponto inicial para a formulação da ideia conceitual que objetiva o diálogo entre o novo e o existente. Destarte, analisa-se a implantação (f. 2), o programa e sua conectividade interior/exterior (f. 3), a volumetria (f. 4), a proporcionalidade (f. 4), a simetria (f. 4) e os ritmos (f. 4) do edifício existente.

Ao abranger as noções de cheios e vazios ao entorno imediato e sua paisagem urbana (f. 5), nota-se que, com a demolição dos casarões do Conjunto Arquitetônico, a paisagem foi modificada, o que propiciou um enorme vazio e a inserção de falsos cheios. Desta maneira, os vazios sobrepõem as memórias dos cheios que ali existiam.



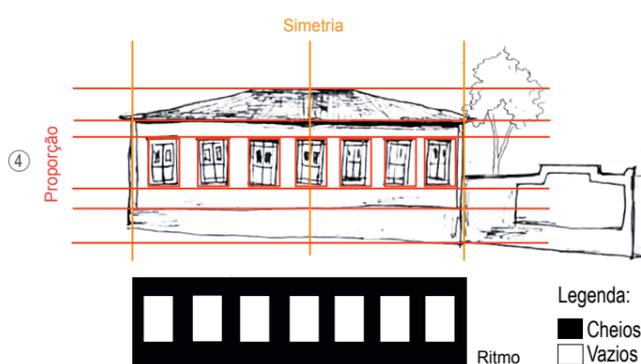
Legenda:

- Espaços vazios (quintais)
- Contorno das casas tombadas demolidas



Legenda:

- Espaços vazios (quintais)
- Maior conectividade com a rua (público)
- Menor conectividade com a rua (privado)
- Conectividades



## PARTIDO

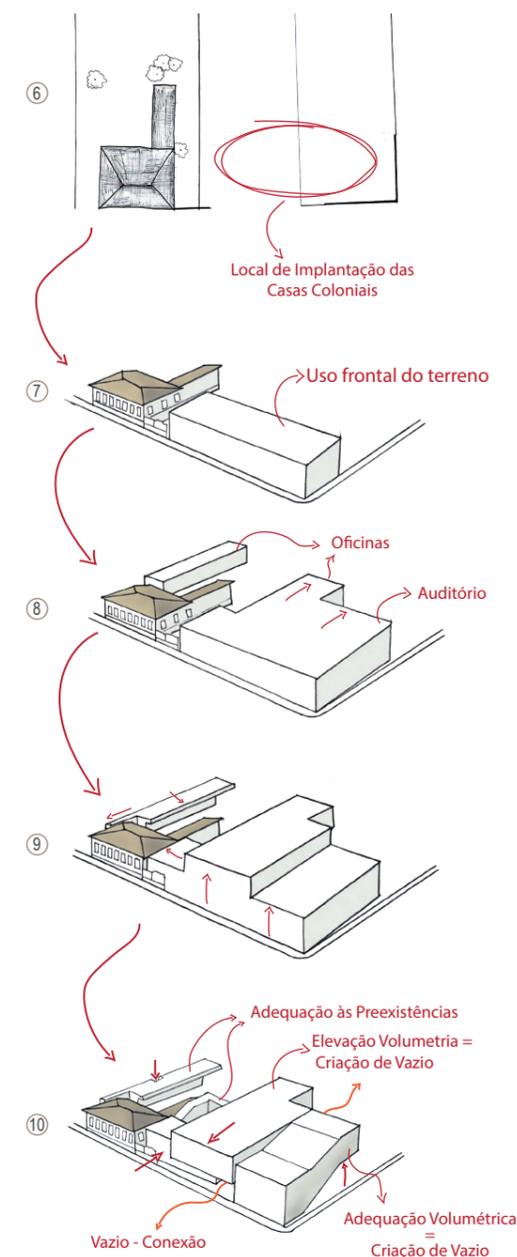
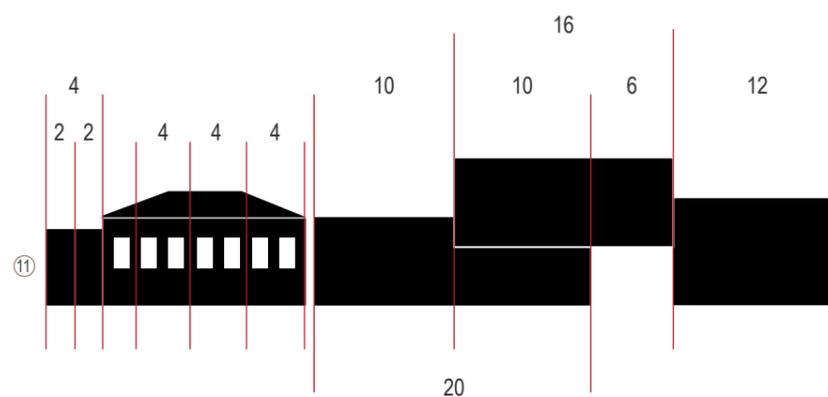
O partido do novo edifício tem como inspiração as análises realizadas acerca do casarão restante do Conjunto da Praça do Rosário, no qual sua composição baseada em ritmos gerados pelos cheios e vazios são associados e acompanhados pelos ideários de Cesare Brandi que possibilitarão um teor crítico nas tomadas de decisões. Visando evidenciar a memória presente no **vazio** deixado pelos edifícios demolidos, as aberturas são locadas de forma a possibilitar **ritmos, porosidades e permeabilidades** que adentram e cortam todo o edifício, gerando **conexões** do interior com o exterior e do exterior com o interior.

O partido será trabalhado inicialmente por meio da implantação do edifício que seguirá a lógica colonial, onde o anexo ocupará em sua maior porção a parte frontal do lote (f. 6 e f. 7).

Para a execução de todo o programa necessário, torna-se fundamental a inserção de volumetrias que se adequem ao terreno, entretanto, os únicos volumes que mais adentrarão no quintal serão aqueles direcionados às oficinas que, embora estejam vinculadas ao âmbito educacional, também se vinculam ao lazer (f. 8). Desta maneira, o programa realizado nestes locais seguem as lógicas do uso colonial do quintal e, ao serem associados ao restante do programa, tem a "função de reativar a eficiência de um produto feito pelo homem" (BRANDI, 2008, apud SANTOS; UBIDA; BORGES, 2018, p. 735).

Objetivando a criação de proporções e ritmos (presentes nas casas coloniais), os volumes possuirão alturas, larguras e planos diferentes, porém a composição do edifício possibilita, ainda, o diálogo com o edifício preexistente (f. 9). Visando o respeito, o edifício anexo possuirá alturas equivalentes ao casarão e, à medida que se distancia do mesmo, suas volumetrias serão mais altas, uma vez que se pretende demonstrar a presença da contemporaneidade (f. 10). As volumetrias seguem uma lógica de composição estabelecida pelo módulo gerado pela distância entre duas janelas do casarão (4 metros), que hora serão somadas, multiplicadas ou outrora divididas (ex.: 2, 4, 6, 8) e que por conseguinte garantirão unidade e ritmo ao conjunto e uma composição contemporânea que não induz ao falso histórico (f. 11).

Ao adequar a volumetria ao programa e às preexistências do terreno, propicia-se novos espaços que possibilitam uma nova leitura e a formalização de novas histórias e memórias que poderão surgir pelo vazio.



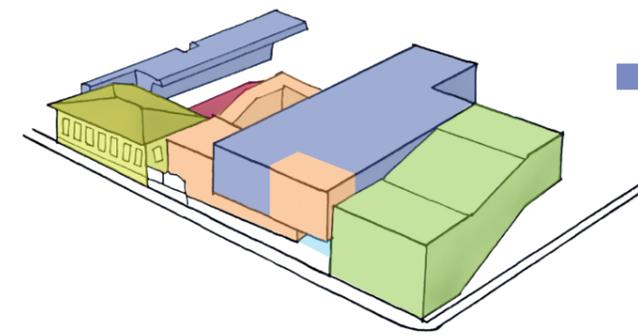
FOLHA:

3/6



- 1- Acesso / Foyer
- 2- Recepção/ Administração
- 3- Auditório
- 3.1- Camarim
- 4- Espaço Múltiplo Uso / Exposição
- 5- Sanitários
- 6- DML
- 7- Espaço Contemplação / Múltiplo Uso
- 8- Sala Reunião
- 9- Sala "Transformação" - Expo. Permanente Virtual
- 10- Sala "Resistência" - Expo. Permanente
- 11- Memorial - Fonte
- 12- Memorial - Escravidão
- 13- Sala "Ouro"
- 14- Sala "Silvânia" - Expo. Transitória
- 15- Sanitários Café
- 16- Café
- 17- Pátio Externo Café
- 18- Acesso/ Recepção Casa Documentação
- 19- Sala Pesquisa
- 20- Quarentena
- 21- Sala Restauo
- 22- Arquivo
- 23- Depósito Técnico
- 24- Sala Apoio Oficina
- 25- Depósito/ Expositor Oficina Olaria
- 26- Sanitário PcD
- 27- Oficina Olaria (Cerâmica)
- 28- Espaço Lazer / Interação/ Descanso

TÉRREO 4m 8m 16m 32m



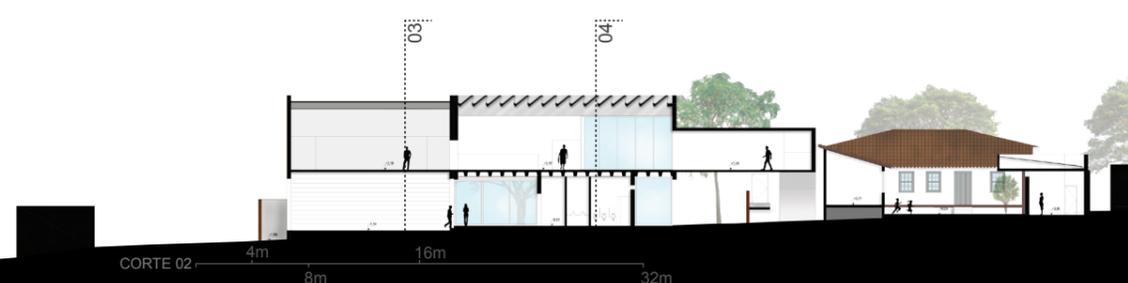
- Auditório 291m<sup>2</sup>
- Oficinas 526,50m<sup>2</sup>
- Cultural (Memorial, museu, Admin. e S. Reunião) 332m<sup>2</sup>
- Foyer 129m<sup>2</sup>
- Arquivo 129,70m<sup>2</sup>
- Café (Cozinha + Área Externa) 167m<sup>2</sup>
- Vazios (Espaços de memória) 300m<sup>2</sup>



## PROGRAMA

O projeto da "Casa do Ofício e Documentação" objetiva a retomada da **memória** e da **história**, ambíguas e mutáveis, e a relação do passado com o presente por meio de uma **arquitetura contemporânea** em meio à preexistência, demonstrando que ambas podem se relacionar de forma harmônica (f. 12 e f. 13). Outrossim, a casa contará com as **mãos do tempo** (pessoas envolvidas com a cultura) que ajudarão na transferência dos saberes de forma a propiciar a **manutenção** das construções ainda restantes e tão importantes para a cidade, além de possibilitar mecanismos de **ensino e formação** aos cidadãos que desejam aprender. Ademais, objetiva-se um local onde Bonfim seja revivida e que a história seja repassada e mais uma vez contada, visto a importância do ensino e da aprendizagem quanto ao sentimento de **pertencimento e autoafirmação** da população e visando que, na medida em que é lembrado o que se deve ser feito em relação ao **patrimônio**, automaticamente se previne que se esqueça de fazê-lo.

A disposição do programa é desenvolvida seguindo também as lógicas coloniais, portanto, espaços mais públicos (museu/memorial, auditório e foyer) estarão locados na parte mais frontal do terreno, enquanto locais mais privados (como administração, sala de reunião, oficinas e sanitários) estarão mais ao fundo do terreno ou no 1º pavimento do edifício. O casarão será o local de acolhimento da documentação da cidade e contará com um espaço para a socialização e convivência por meio de um café que, assim como as casas coloniais, será vinculado ao quintal (f. 15 e f. 16). O quintal, portanto, será a extensão do café.





- 29- Foyer / Espaço para ampliação oficinas
- 30 - Mirante / Sala Fotos
- 31- Memorial Escravidão / Saída Emergência
- 32- Oficina Pintura em Tecido
- 33- Oficina Tear
- 34- Oficina Carpintaria
- 35- Sala Técnica Projeção

1 PAVIMENTO 4m 8m 16m 32m

As oficinas de Pintura, Tear/Costura e Carpintaria estão locadas no primeiro pavimento. Este espaço também contará com um grande foyer que possibilitará a extensão, quando necessário, das oficinas (f. 17).

A oficina de Pintura (f. 19) e a oficina de Tear/Costura (f. 18 e f. 20) ficarão próximas visto a conectividade entre a produção de ambas (como exemplo, a produção de um tecido que posteriormente poderá ser pintado). Portanto, são delimitadas por uma porta acústica que, se necessário, poderá ser aberta e garantir a ampliação e/ou comunicação das oficinas (f. 20).

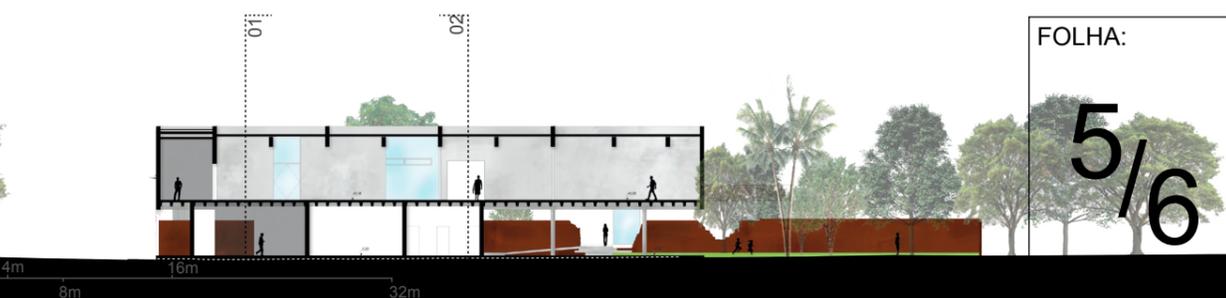
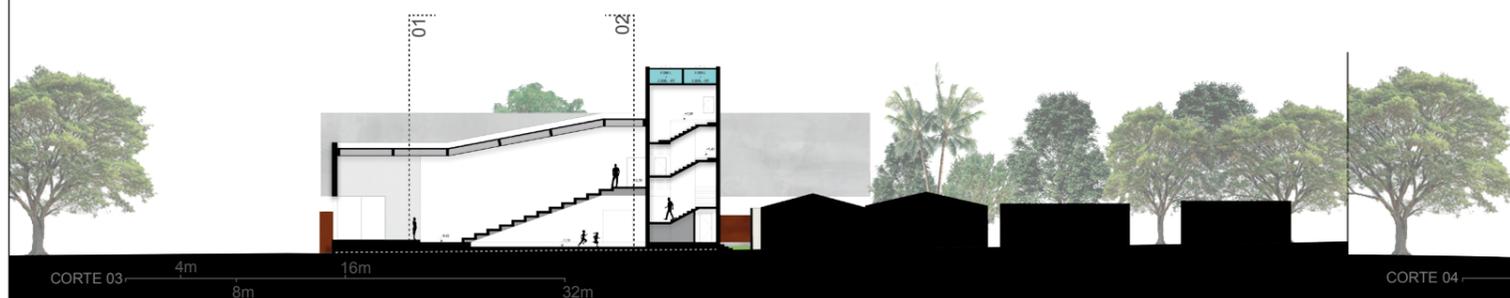
A oficina de Carpintaria (f. 21 e f. 22) é localizada mais ao fundo do primeiro pavimento em virtude dos ruídos das máquinas. Nesta sala objetiva-se o ensino e a produção de pequenas peças em madeira e, se necessário, o manejo de peças maiores poderá ocorrer nos espaços disponibilizados no térreo (f. 16).

O casarão tem seus cômodos voltados para a recepção, restauração, arquivamento e pesquisa de documentos históricos importantes para a cidade. Desta forma, seu interior sofre modificações necessárias para a inserção do programa, entretanto, opta-se por deixar todas as alterações visíveis (f.23). Outrossim, o edifício preexistente propiciará dois cômodos expositivos.

O auditório possui acesso tanto no térreo quanto no primeiro pavimento, de modo a conectar todo o edifício a ele (f. 24). Sua volumetria propicia um grande espaço que se conecta com o foyer e que pode ser utilizado das mais diversas formas que o usuário escolher. Ao abrir as portas frontais do auditório garante-se a conectividade com a rua (f. 12). Ademais, o mesmo poderá ser utilizado como cinema por meio da automação das telas de projeção.

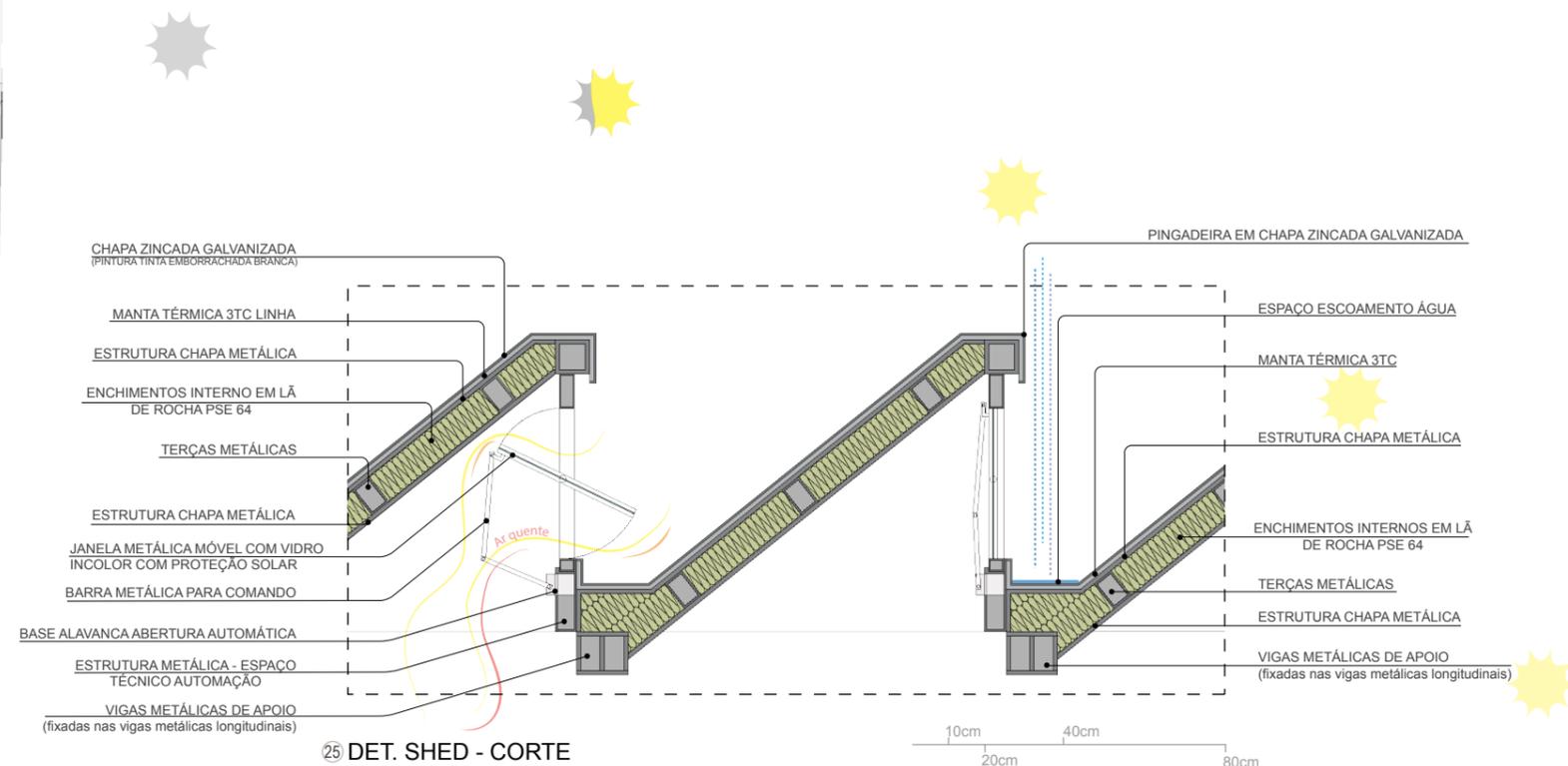


A implantação impacta o mínimo possível na topografia natural e no quintal existente, destarte, a maior parte do edifício está localizado na parte frontal do terreno (sendo este o espaço em que existiam construções e que por conseguinte já sofreu modificações). Desta forma, como observado nos cortes, ocorre pouca movimentação de terra, uma vez que o edifício se adequa ao caimento natural do terreno. Ademais, ao objetivar maior facilidade de acesso, o edifício está locado no nível médio da topografia.



FOLHA:

5/6



A cobertura da volumetria mais alta será realizada em Sheds metálicos que possibilitam a saída do ar quente (visto a presença das aberturas superiores) e a entrada de iluminação indireta nas oficinas a partir das 09 horas da manhã de modo a não atrapalhar no funcionamento das mesmas. Ademais, sua forma já considera um espaço que será responsável pelo escoamento da água da chuva. A indicação de materiais com propriedades isolantes (como a lã de rocha, manta térmica 3TC e vidro incolor com proteção solar) para a concepção do Shed possibilitará (juntamente com a ventilação natural) maior conforto térmico e acústico do local, visto que estes materiais ajudam no controle da radiação, condução, convecção e acústica. Importante destacar que alguns destes materiais reduzem em até 70% a entrada de calor nos ambientes (f. 25).

O café/quintal é acessado pelo vazio propiciado pela volumetria da Olaria (f. 26). Por ser uma oficina mais lúdica e de fácil manuseio, a olaria está locada próxima ao casarão de forma a ser o ponto final do circuito do memorial (f. 27). Desta forma, alunos, professores e usuários em geral poderão participar e ter maior contato com este ofício.

Outrossim, como forma de não bloquear a visualização e continuar com a conectividade entre o casarão e o quintal, a volumetria da Olaria está rente ao muro lateral, desta forma não se cria barreiras e o quintal se torna uma extensão do café desenvolvido na cozinha do casarão.

## MATERIALIDADE

Objetivando demarcar os tempos diferentes das duas construções, a materialidade utilizada será o concreto aplicado na estrutura autoportante (f.12). Este será empregado em maior parte na sua coloração branca (denominado como "concreto branco"), de modo que o edifício seja, embora presente e marcante na paisagem urbana, sutil em sua materialidade. Destarte, o edifício preexistente será o único que terá externamente cores diferentes, possibilitando que o mesmo continue sendo o protagonista da intervenção.

O concreto aparente na sua cor tradicional (aplicado em menor quantidade) possibilitará o contraste entre as técnicas construtivas e seguirá as teorias de Brandi, uma vez que utiliza-se materiais atuais de forma a identificar o novo e o antigo. O concreto cinza será aplicado na volumetria mais alta de modo a evidenciar não somente pela altura, mas também pela materialidade, a contemporaneidade. Dentro desta volumetria está locada as oficinas (f. 28 e f. 29).

O edifício emoldura e acompanha o muro em adobe (f. 28). O concreto e a terra carregam consigo a diversidade dos tempos cronológicos contidos nas duas construções.



FOLHA:

6/6